

A noção de elaboração imaginativa e a concepção de fantasia na obra de Winnicott

Marcia R. Bozon de Campos +
Leopoldo Fulgencio

Resumo A concepção de Winnicott de fantasia e sua relação com o trabalho de *elaboração imaginativa*, inicialmente das funções corporais e posteriormente de outras experiências encarnadas ao longo de toda a vida, nos auxilia na compreensão da constituição do psiquismo a partir da relação com o objeto subjetivo em direção às relações objetivas. Nesse contexto, a *elaboração imaginativa* das funções corporais é considerada um recurso da natureza humana responsável por esculpir a área do informe na qual a criança está imersa inaugurando o esboço de uma narratividade futura.

Palavras-chave fantasia; elaboração imaginativa; Winnicott; integração psicossomática; narratividade.

Marcia R. Bozon de Campos é psicóloga, psicanalista. Membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae, onde coordena o Grupo de Leitura: Estudos sobre a obra de Winnicott. Doutoranda no IPUSP, coordenadora e docente do curso de aperfeiçoamento “O corpo na clínica” no Instituto Sedes.

Leopoldo Fulgencio é professor Livre Docente do Departamento de Psicologia da Educação, do Desenvolvimento e da Personalidade do IPUSP.

Muitas das contribuições de Donald Winnicott à psicanálise evidenciam seu esforço em desenvolver a teoria a partir da experiência clínica, buscando construir através de uma linguagem própria um modo de expressão fiel à sua singularidade. Esse cuidado em ser fiel a si mesmo, bem como de dar nomes adequados ao que observava na sua clínica, o levou, muitas vezes, a fazer uso de novos termos que ainda não haviam tido lugar na tradição psicanalítica. Este é o caso do termo *elaboração imaginativa*, proposto para descrever o processo pelo qual o bebê inaugura uma série de experiências vividas a partir de sua corporeidade, incluindo o próprio funcionamento corpóreo e suas diversas sensações. A elaboração imaginativa como concebida por Winnicott seria uma função associada à fantasia, consistindo num recurso da criança para dar sentido, ainda que de forma rudimentar e pré-simbólica, às diversas experiências que envolvem suas funções corporais, sua vitalidade e posteriormente suas experiências existenciais de forma mais ampla. Em sua compreensão, este seria um recurso inerente ao bebê humano, embora dependesse de fatores biológicos, como um tecido cerebral minimamente organizado (o que não ocorreria numa criança acéfala).

Ao longo da vida, no processo de amadurecimento que se finda com a experiência da morte, tanto a elaboração imaginativa quanto a fantasia estarão relacionadas a toda atividade criativa e à capacidade de brincar, considerada por Winnicott como um dos componentes fundamentais na saúde. Para compreendermos essa trajetória que vai do corpo ao pensamento, da dependência absoluta rumo à independência relativa, é fundamental esclarecer o papel da fantasia nos processos de integração, que se inicia no momento do nascimento a

53

PERCURSO 68 : p. 53-64 : junho de 2022



partindo do pressuposto de que o indivíduo cria seu próprio mundo, Winnicott considerava que a fantasia atravessará a experiência da criança desde o início da vida, ocupando um lugar fundamental no processo de apreensão da realidade

54

PERCURSO 68 : junho de 2022

partir do encontro entre bebê e o ambiente, aqui representado pela função maternante, responsável por prover a sustentação necessária para seu desenvolvimento.

A concepção de fantasia por Winnicott

Partindo do pressuposto de que o indivíduo cria seu próprio mundo, Winnicott considerava que a fantasia atravessará a experiência da criança desde o início da vida, ocupando um lugar fundamental no processo de apreensão da realidade. Ora, esse modo de compreender a fantasia se distanciava visivelmente do conceito psicanalítico desenvolvido por Freud, de modo que considero importante, para contextualizar a leitura de Winnicott, introduzir, apenas como ponto de partida, alguns aspectos desse conceito, sem, no entanto, pretender aqui abarcar sua complexidade.

Segundo Laplanche e Pontalis, para compor o conceito psicanalítico de fantasia, Freud retoma, num primeiro momento, os diferentes significados da palavra em língua alemã *Phantasie*, “[...] que designa a imaginação, o mundo imaginário e seus conteúdos, assim como a atividade criadora que os anima”¹.

Mais adiante, nos “Estudos sobre a histeria”, Freud estabelecerá uma equivalência entre a fantasia e aquilo que nomeou como sonhos diurnos,

que consiste numa atividade de criar, muitas vezes inconscientemente, cenas, romances ou ficções, produzidos em estados dissociados da consciência; no artigo “A interpretação dos sonhos”², Freud acrescenta às fantasias inconscientes a ideia de formação de compromisso, compreendendo que tais fantasias (ou sonhos diurnos) seriam utilizadas pela elaboração secundária, mais próxima do estado de vigília. Isso o leva a considerar a relação entre fantasia, desejo inconsciente e sexualidade infantil como bases da compreensão metapsicológica das formações oníricas. Além disso, concebe a existência de fantasias originárias universais referentes à vida intrauterina, à cena originária, à castração e à sedução, atribuindo a elas a organização da vida fantasmática.

Esta articulação com o desejo inconsciente conduz ao entendimento do caráter defensivo da fantasia, como um recurso para lidar com a frustração imposta pelo princípio da realidade.

Numa contextualização bem diferente, Winnicott introduzirá significados diversos ao conceito de fantasia em psicanálise, com base na ideia de que nesse momento inicial a criança tem a necessidade de experimentar a onipotência a partir da ilusão de que é responsável por criar o objeto capaz de satisfazê-la. Afirmo que essa experiência só poderá ocorrer num ambiente sensível e confiável, capaz de adaptar-se ativamente às suas necessidades, fornecendo os subsídios para que se estabeleça uma experiência de mutualidade entre mãe e bebê, na qual a ilusão não é oposta à apreensão da realidade mas o meio de se chegar a ela. É preciso considerar que, nesses primórdios, o universo do bebê se constitui de objetos subjetivos, ou seja, objetos concebidos a partir da experiência de ilusão. Nas palavras de Winnicott, “A fantasia é mais primária que a realidade e o enriquecimento da fantasia com as riquezas do mundo depende da experiência da ilusão”³.

Adam Phillips auxilia na compreensão dessa afirmação ao dizer que “Winnicott sugere que o contato inicial do bebê com a realidade externa é possível através do que ele chama de *momentos de ilusão*”⁴, destacando que, no contexto do pen-

samento do autor, a palavra ilusão não se refere a algo enganoso, a serviço de tornar a realidade mais palatável, mas ao único meio de se chegar à realidade.

Na perspectiva do desenvolvimento emocional primitivo introduzida por Winnicott, o processo de integração a partir do qual torna-se possível a apreensão da realidade compartilhada tem início a partir da concepção subjetiva dos objetos criados-encontrados pelo bebê. Nesse contexto, compreendemos que a objetividade terá lugar a partir da experiência subjetiva atravessada pela fantasia, sem a qual não seria sequer possível o contato com aquilo que é externo a si mesmo.

O processo de integração envolve a perspectiva de apreensão das qualidades de tempo e espaço, que decorrem das experiências corporais, principalmente daquelas que envolvem os ritmos que acompanham o aumento de tensão e de relaxamento decorrentes dos estímulos internos e do contato da criança com o corpo materno. Essas experiências possuem as primeiras marcas da subjetividade oriundas da elaboração imaginativa das funções corporais. Nesse processo, os traços sensório-motores elaborados imaginativamente fornecerão as bases para o narcisismo primário, que em Winnicott se refere à unidade mãe-bebê:

deve-se supor os rudimentos de uma elaboração imaginativa emergindo do puro funcionamento corporal, se se quer estabelecer que esse novo bebê humano começou a existir e a acumular experiências que se possam designar de pessoais.⁵

1 J. Laplanche; J-B. Pontalis, *Vocabulário de psicanálise*, p. 169.

2 S. Freud, *A interpretação dos sonhos*.

3 D.W. Winnicott, "Desenvolvimento emocional primitivo", in *Da pediatria à psicanálise: Obras escolhidas*, p. 228.

4 A. Phillips, *Winnicott*, p. 125.

5 D.W. Winnicott, *O ambiente e os processos de maturação*, p. 60.

6 Piera Aulagnier postula a existência de um processo originário de constituição psíquica, cuja atividade é coextensiva à experiência corporal. Mais precisamente, a atividade do processo originário decorre das excitações provenientes das superfícies sensoriais a partir do encontro com um objeto exterior, sendo que as marcas desse encontro resultam em uma inscrição, um pictograma.

7 D.W. Winnicott, "A criatividade e suas origens", in *O brincar e a realidade*, p. 96.

»
*Winnicott utiliza o termo
apercepção criativa para se referir
à capacidade de percepção
do mundo a partir de um
olhar próprio que se renova
a cada encontro*

Winnicott considera que a elaboração imaginativa das funções corporais é uma característica do "animal humano", responsável por conduzir à integração de experiências singulares, que envolvem as intensidades dos estímulos exógenos e endógenos e seus componentes emocionais, os quais desde o princípio compõem o processo psíquico originário⁶ característico de uma fase pré-verbal que antecede a simbolização.

No artigo "A criatividade e suas origens", Winnicott confere à apercepção criativa a atribuição de sentido ao viver, afirmando ser o que torna a vida digna de ser vivida. "Objetividade é um termo relativo, porque aquilo que é objetivamente percebido é, por definição, até certo ponto, subjetivamente concebido"⁷. Winnicott utiliza o termo apercepção criativa para se referir à capacidade de percepção do mundo a partir de um olhar próprio que se renova a cada encontro, sem permitir que a submissão ao princípio da realidade conduza à perda da espontaneidade. É a partir dessa possibilidade de olhar o mundo como se fosse a primeira vez que a sensação de estar vivo se presentifica e o viver se colore de sentido. A ausência da apercepção criativa aprisiona o sujeito numa adaptabilidade à realidade na qual impera um estado de submissão que compromete a saúde.

Observamos que a fantasia ocupa um lugar fundamental na constituição do psiquismo infantil,



nessa perspectiva a fantasia se aproxima do funcionamento corpóreo, o que inclui a totalidade do psiquismo rudimentar da criança, em grande parte inconsciente e não estruturado simbolicamente

considerando que, desde a perspectiva do desenvolvimento emocional primitivo, a criatividade primária é desvinculada das satisfações pulsionais. Em minha leitura, embora Winnicott reconheça a importância das pulsões, ele não considera sua centralidade no psiquismo, pois em sua concepção encontrou a necessidade de tecer hipóteses que abrissem lugar para áreas da experiência primitiva e do desenvolvimento do ego que não estejam apenas associadas aos conflitos pulsionais, buscando um espaço para processos psíquicos que envolvam a criatividade e a experiência de self. Nesse sentido, a partir de seu pensamento singular, reconhece fazer um uso distinto da palavra “fantasia” no contexto da psicanálise, destacando que sua compreensão se afasta da ideia de uma fantasia que envolve a imaginação. Em seu entender, a fantasia inclui “aquilo que não é verbalizado, afigurado ou ouvido de maneira estruturada, por ser primitiva e próxima das raízes quase fisiológicas das quais brota”⁸.

Nessa perspectiva a fantasia se aproxima do funcionamento corpóreo, o que inclui a totalidade do psiquismo rudimentar da criança, em grande parte inconsciente e não estruturado simbolicamente. Torna-se nítida a relação com a elaboração imaginativa da função, ambas emergindo das sensações decorrentes da corporeidade num processo contínuo de constituição do psiquismo. Serão

experiências encarnadas – envolvendo a localização do corpo no espaço e a singular relação da criança com o ambiente – que fornecerão o substrato para a fantasia, tecendo a cada momento a trama da integração psicossomática.

Winnicott considera fundamental diferenciar a fantasia da atividade de fantasiar ou devanejar, na qual o uso da imaginação tem a finalidade de aliviar a tensão provocada pela realidade frustrante. Ao contrário da fantasia, que é constitutiva do ser em sua descoberta do mundo, o fantasiar representa uma dissociação, uma repetição estéril, que não leva ao desenvolvimento do viver criativo. Como esclarece Phillips numa nota de rodapé em seu livro dedicado a Winnicott:

Para Freud o fantasiar é a consequência inevitável do princípio da realidade e oferece uma área interna compensatória de liberdade. Na obra de Winnicott, o fantasiar permanece um fenômeno isolado, absorvendo energia, mas não contribuindo nem para sonhar nem para viver. É uma solução estupidificante para uma falha precoce de mutualismo com o ambiente, uma atividade mental em que nada acontece.⁹

O fantasiar seria, portanto, uma atividade avessa à criatividade, que na saúde se imprime ao viver em todos os aspectos, permitindo que o indivíduo imprima sua marca pessoal na relação com o mundo, atribuindo sentido à vida.

Nesse contexto, a elaboração imaginativa permeada pela fantasia representa uma primeira expressão da capacidade humana de construção da realidade, nesse primeiro momento a partir de uma concepção subjetiva do objeto. Desde o ponto de vista do observador o bebê está lá, inserido na realidade compartilhada da qual fazem parte os objetos que o cercam, os cuidados que recebe, etc., mas, desde o ponto de vista do bebê, a realidade que o cerca está sendo criada a partir daquilo que ele encontra a seu redor: a sensação do toque do cobertor em sua pele, a temperatura da água de seu banho, a sensação do leite seguindo o caminho desde a boca até o interior de seu corpo, ou a sensação da fome sendo saciada

associada à diminuição de tensão que isso acarreta. Todas essas sensações serão elaboradas imaginativamente, num primeiro momento em termos de catalogação: quente, duro, áspero, etc.; e em seguida, permeadas pela fantasia, numa tentativa de atribuir sentido a cada uma dessas experiências. É importante destacar que, embora a capacidade de elaborar imaginativamente seja concebida por Winnicott como um potencial humano, seu desenvolvimento ocorrerá por meio do trabalho psíquico de um outro, concebido pelo autor como a mãe-ambiente, capaz de sustentar a experiência de ilusão de onipotência fundamental nesse momento inicial da vida que antecede a possibilidade de perceber o objeto como separado de si. Esse processo de criatividade, inaugurado pela ilusão da criação do objeto subjetivo, segue um percurso que levará à experiência do brincar, que por sua vez emerge da elaboração imaginativa em torno das sensações corporais decorrentes das ansiedades relacionadas à percepção da ausência do objeto.

A fantasia de destruição e a sobrevivência do objeto

Ao comentar seu próprio artigo “O uso de um objeto”¹⁰, Winnicott afirma que no início da vida a agressividade está relacionada ao erotismo muscular e não à raiva ou ao ódio, propondo uma revisão dessa questão pela psicanálise. Ressalta a importância da sobrevivência do objeto ante os impulsos destrutivos que a criança dirige a ele, dado que só assim o objeto poderá ser “usado”, o que permitirá a separação entre a fantasia e a colocação real do objeto fora da área das projeções. Mais uma vez podemos observar a relação com os processos corporais que compõem a vitalidade da criança. Nesse momento é a motilidade e suas correspondentes sensações que serão

8 D.W. Winnicott, *Explorações psicanalíticas*, p. 56.

9 A. Phillips, *Winnicott*, p. 95.

10 D.W. Winnicott, “Comentários sobre meu Artigo ‘O uso de um objeto’”, in *Explorações psicanalíticas: D.W. Winnicott*.

11 D.W. Winnicott, “O uso de um objeto e relacionamento através de identificações”, in *O brincar e a realidade*, p. 126.

»

“o sujeito diz ao objeto: Eu te destruí, e o objeto está ali para receber essa comunicação. Daí por diante o sujeito diz: Eu te destruí. Eu te amo. Tua sobrevivência à destruição que te fiz sofrer confere valor à tua existência para mim”
[D. W. Winnicott]

elaboradas imaginativamente, permitindo que essa etapa fundamental do processo de desenvolvimento seja experienciada.

Ao sobreviver, o objeto pode ser amado e passar a ter valor, de forma a continuar sendo destruído na fantasia inconsciente sem que isso se torne uma ameaça. A sobrevivência do objeto permite à criança distinguir entre a fantasia de destruição e sua destruição real, representando um marco no processo de integração. A partir dessa experiência, ela se torna capaz de perceber que existe um meio externo separado de seu mundo interno. Cito Winnicott:

O sujeito diz ao objeto: Eu te destruí, e o objeto está ali para receber essa comunicação. Daí por diante o sujeito diz: Eu te destruí. Eu te amo. Tua sobrevivência à destruição que te fiz sofrer confere valor à tua existência para mim. Enquanto estou te amando, estou permanentemente te destruindo na fantasia (inconsciente). É apenas nesse momento que começa a fantasia para o indivíduo. O sujeito agora pode usar o objeto que sobreviveu.¹¹

Essa passagem é fundamental para compreendermos a amplitude do conceito de fantasia em Winnicott, pois nela está contida a ideia, tanto da importância da fantasia para o processo de integração, quanto do estatuto da fantasia a partir da aquisição do “status unitário”, que se inicia com a experiência de se perceber integrado.



*a fantasia de destruição resulta,
portanto, da experiência de fracasso
na concepção do objeto subjetivo.
Nesse caso, se o objeto reagir
de modo a reestabelecer
o vínculo de confiança, significa
que ele sobreviveu e poderá,
então, ser amado*

58

PERCURSO 68 : junho de 2022

A passagem do estado não integrado para a integração se dá a partir da fantasia de destruição do objeto que a ela sobrevive. Nesse momento, por assim dizer, que antecede à sobrevivência do objeto e à constatação de sua sobrevivência pela criança, estamos nos referindo à fantasia de destruição que surge a partir do desencontro entre o objeto subjetivo e a falha do objeto real que frustra a criança ao não atender sua demanda naquele determinado momento. A fantasia de destruição resulta, portanto, da experiência de fracasso na concepção do objeto subjetivo. Nesse caso, se o objeto reagir de modo a reestabelecer o vínculo de confiança, significa que ele sobreviveu e poderá, então, ser amado. Significa também que o objeto está fora da zona de onipotência da criança onde se situavam os objetos subjetivos, o que permite à criança fazer a passagem do objeto subjetivamente concebido para o objeto objetivamente percebido, que possui seu próprio modo de ser.

Winnicott afirma ser esse o momento em que tem início a fantasia propriamente dita, aqui compreendida como parte de um processo subjetivo no qual a criança pode experimentar a ambivalência de seus sentimentos em relação ao objeto percebido como um outro diferente de si. Este é um contexto diverso do papel mediador com a realidade compartilhada exercido pela fantasia nos primórdios, antes mesmo de o bebê ter a consciência da separação entre dentro e fora, entre eu e o outro. Neste

segundo momento, em que a criança conta com a percepção corporal de uma membrana limitadora representada pela pele, separando seu mundo interno daquilo que já pode ser percebido como externo a si, a fantasia torna-se pessoal, acompanhando a sensação de uma experiência de “ser” integrado como uma realidade interna subjetiva. Este momento do desenvolvimento emocional está relacionado à passagem do relacionamento com o objeto (subjetivo) e o “uso do objeto”, que permitirá à criança habitar o mundo dos objetos.

A compreensão da amplitude do conceito de fantasia em Winnicott nos leva a refletir sobre a questão das relações de objeto. Se por um determinado ângulo é possível conceber que a criança, ao se relacionar com o objeto subjetivo criado pela fantasia, não estaria de fato estabelecendo uma relação de objeto, já que não tem consciência do objeto enquanto alteridade, por outro compreendemos que o objeto subjetivo só pode ser criado na presença do objeto real, de modo que o objeto criado pela fantasia da criança só poderá ser encontrado através da experiência sensorial do encontro entre os corpos.

Nesse contexto, uma questão muito interessante e atual, referente à percepção sensória do objeto versus a percepção do objeto enquanto alteridade, pode ser colocada. René Roussillon se refere às atuais pesquisas sobre neonatalidade e primeira infância, que apontam para o fato de haver uma percepção muito precoce da presença do outro pelo bebê, contrariando a ideia de que possa existir um estado pré-objetal que antecederia as relações de objeto. No entanto, estabelece uma distinção fundamental entre a experiência de perceber o objeto como separado de si e a de conceber o objeto como outro-sujeito, com desejos e movimentos próprios fora da área de onipotência.

A experiência nos permite descobrir que o objeto é externo, mas externo ao sujeito, aspecto este que pode ser destacado no que proponho chamar de outro-sujeito. Em outras palavras, considerando que, sem dúvida, ambos andam juntos e se produzem no mesmo movimento, conceber o objeto como outro-sujeito é também

conceber a questão do sujeito e, portanto, conceber a si mesmo como sujeito. Sujeito e outro-sujeito fundem-se no mesmo movimento; o que resulta então da experiência é a categoria *sujeito de*, que os neurocientistas chamam de “agente”.¹²

A diferenciação apontada por Roussillon torna-se fundamental para aprofundarmos a compreensão de Winnicott a respeito do relacionamento precoce da criança com o ambiente, pois coloca em destaque um aspecto de grande importância no pensamento do autor: a experiência.

Em sua trajetória partindo da pediatria rumo à psicanálise, Winnicott se valeu de observações clínicas, sempre priorizando o olhar e a escuta para os fenômenos envolvidos nas relações entre a criança e seus cuidadores, de modo que a experiência se constituiu como um balizador para suas hipóteses clínico-teóricas. Ao longo de sua obra, observamos a importância dada às diversas experiências que integram o processo de desenvolvimento emocional, iniciando pela experiência do nascimento; a experiência de *self*, através da qual o indivíduo experimenta a sensação de estar vivo; a experiência da integração, a partir da qual é possível experimentar o espaço interior separado do espaço exterior pelo envoltório da pele; a experiência do brincar, que permite o acesso ao próprio *self*, e por fim a experiência da análise, que possibilita, quando necessário, que falhas no desenvolvimento emocional possam ser elaboradas a partir de experiências vividas na transferência no setting analítico.

Como destaca Fulgencio, a noção de experiência está presente na maneira como Winnicott concebe o método psicanalítico. Indo além do propósito inicial de tornar consciente o inconsciente a partir da ressignificação de reminiscências, propõe que experimentar a relação humana sustentada pelo setting analítico e pelo vínculo de confiabilidade no analista possibilitará que o paciente encontre seu verdadeiro *self*.¹³

12 R. Roussillon, “A criatividade: um novo paradigma para a psicanálise freudiana”, *Revista de Psicanálise da SPPA*, v. 27, n. 2, p. 307.

13 L. Fulgencio. “A importância da noção de experiência no pensamento de D.W. Winnicott”, in *Estudos de Psicologia* n. 28, p. 57-64.

»
*em sua trajetória partindo
da pediatria rumo à psicanálise,
Winnicott se valeu de observações
clínicas, sempre priorizando o olhar
e a escuta para os fenômenos
envolvidos nas relações entre
a criança e seus cuidadores*

Winnicott marca a importância da experiência no tempo presente para a evolução do processo analítico, no qual o analista representa uma presença na ausência, que permite ao paciente desbravar os caminhos que o levarão à sua própria construção de sentido. Numa profunda reflexão sobre a capacidade de estar só, refere-se à experiência primordial que ocorre na solidão, estabelecendo uma diferença entre ser isolado e ser solitário. Reflete sobre a existência de um núcleo isolado que compõe o *self* central (verdadeiro *self*), afirmando que, no centro de cada indivíduo, há um elemento não comunicável que assim deve ser preservado. A organização de defesas primitivas que comprometerão o desenvolvimento emocional decorre de ameaças a esse núcleo isolado do *self*, que por sua vez estão relacionadas a experiências traumáticas causadas por falhas ambientais graves, as quais impossibilitam justamente que a criança desfrute da experiência fundamental de criar e encontrar o objeto que atende às suas necessidades.

Na concepção de Winnicott, fantasia, experiência e criatividade constituem três aspectos fundamentais para o desenvolvimento emocional saudável, sendo a elaboração imaginativa o trabalho decorrente das diversas vivências que compõem esse processo e que imprimem no corpo da criança as marcas de tudo o que é experienciado, marcas que acompanharão o indivíduo por toda a vida até o momento de sua morte.



*Bernard Golse elucida
sobre a construção da narratividade,
argumentando que os processos
precoces de simbolização
estão apoiados numa
dupla ancoragem,
corporal e interativa*

Imaginação, fantasia e construção da narratividade

60

PERCURSO 68 : junho de 2022

Esmiúçar a complexidade dessas experiências iniciais é fundamental para compreender a elaboração imaginativa que emerge da tentativa primordial de, a partir das múltiplas nuances de sensações corporais, esculpir a área do informe na qual a criança está imersa, inaugurando o esboço de uma narratividade futura.

Bernard Golse elucida sobre a construção da narratividade, argumentando que os processos precoces de simbolização estão apoiados numa dupla ancoragem, corporal e interativa, o que significa que será na imprescindível presença de um outro que as sensações corporais da criança poderão vir a ganhar forma e sentido para se tornarem percepções, acedendo posteriormente ao estatuto do psiquismo. Golse nomeia esses primeiríssimos fragmentos de significação de significantes primordiais, deixando claro que sua origem está aquém “dos cenários fantasmáticos, (processos primários) e das representações de palavras (processos secundários)”¹⁴. Explicita que essa narratividade inicial permite a construção de pares sensoriais contrastantes, por exemplo, o quente como oposição ao frio, o áspero em oposição ao liso, mas isso só poderá ocorrer na presença de um outro, embora nesse momento o objeto ainda não seja percebido pelo bebê.

Nesse sentido, Ogden esclarece que “a habilidade do bebê estar vivo sensorialmente e de fazer discriminações complexas não é a mesma consciência do self ou do outro”¹⁵, pois é justamente a maternagem discreta o suficiente para nem sequer ser notada que proporcionará ao bebê a possibilidade de elaborar imaginativamente suas sensações corporais. Lembremos que, como afirmou Winnicott, no início não existe um bebê isolado, mas uma unidade maternante, formada pelo bebê e pelo ambiente, sendo que inicialmente o processo de desenvolvimento se refere a essa unidade.

Bullinger¹⁶ contribui para o aprofundamento dessas questões, dedicando-se ao estudo do desenvolvimento sensório-motor a partir dos padrões produzidos na interação da criança com seus primeiros objetos. Destaca que, num primeiro momento, no qual ainda não há distinção entre dentro e fora, entre eu e o outro, a própria interação constitui o objeto de conhecimento por parte do bebê. Segundo o autor, os gestos estimulam o surgimento das primeiras “elaborações representativas”, através de representações sensório-motoras do próprio movimento. Estas “representações em ação” são compostas por fragmentos que incluem representações do corpo relacionadas ao funcionamento sensório-motor; representações do objeto envolvido na interação (qualidades sensoriais do objeto); e representações rudimentares do espaço. Bullinger destaca a importância dos componentes sensório-tônicos referentes às variações no tônus muscular, resultantes da modulação de um fluxo que contém componentes afetivos intrinsecamente ligados a essas variações.

Neste momento inicial, no qual a consciência de um envoltório cutâneo ainda não foi constituída, as variações de sensação de consistência do corpo são ligadas a variações emocionais, podendo ser consideradas o início daquilo que se tornará a face interna do envelope do corpo. No processo de amadurecimento, essas variações de consistência serão delimitadas e contidas pela face externa deste envelope, formado através de um diálogo polissensorial, tecido pelas palavras do adulto que nomeiam tais modulações tônicas,

conferindo-lhes sentido. À medida que a criança avança no processo de desenvolvimento, a regulação tônica passa a ser do tipo representativo e permite à criança antecipar o estado do meio ambiente e suas prováveis variações. Essa capacidade de antecipação é responsável, em grande parte, pela estabilização tônico-emocional do indivíduo, desenvolvendo-se gradualmente na primeira infância e permanecendo presente na vida adulta. Bullinger considera que o equilíbrio sensorio-tônico é a condição para o desenvolvimento da atividade psíquica.

A partir dessas considerações podemos indagar sobre o lugar da *elaboração imaginativa* e da fantasia na construção do universo simbólico da criança desde a perspectiva de Winnicott. Considerando que, desde sua concepção, a fantasia antecede a realidade, e a capacidade de elaborar imaginativamente as sensações corporais está presente, ainda que de forma incipiente, desde os primeiros momentos de vida, podemos inferir que a *elaboração imaginativa* antecede a capacidade futura de representar e de simbolizar, constituindo um movimento primordial nessa direção. Nesse sentido, embora a consideração da importância dos gestos como disparador de um trabalho psíquico feita por Bullinger seja interessante para compreendermos o surgimento da psique a partir dos acontecimentos corporais, nos termos de Winnicott caberia chamar esse movimento de *elaboração imaginativa* e não de elaboração representativa como coloca o autor. É importante esclarecer que não se trata apenas de uma questão semântica, mas de um posicionamento em relação à ordem do surgimento da fantasia, da imaginação e da narratividade no desenvolvimento da criança.

Para Winnicott, o surgimento da capacidade simbólica (que pressupõe a capacidade representativa) implica a distinção entre a criatividade primária e a percepção. A ideia de objeto transicional

»

*a fantasia e a capacidade
imaginativa são compreendidas
praticamente em simultaneidade
uma à outra, sendo a elaboração
imaginativa sinônimo
de fantasia*

vem, justamente, preencher a dimensão espacial/temporal que compõe a travessia feita pelo bebê desde a criação do objeto subjetivo (criatividade primária) e a experiência de percepção do objeto enquanto externo ao self. Nesse contexto, a fantasia e a capacidade imaginativa são compreendidas praticamente em simultaneidade uma à outra, sendo a elaboração imaginativa sinônimo de fantasia. Vemos aqui uma clara distinção em relação ao uso do termo imaginário por Lacan que influenciou e segue influenciando os psicanalistas ligados à escola francesa de psicanálise. Como esclarecem Laplanche e Pontalis¹⁷, a noção de imaginário em Lacan evidencia a ideia de que a prematuridade biológica do bebê humano traz como consequência uma constituição egoica a partir de uma relação especular com seu semelhante, que acarreta, do ponto de vista intersubjetivo, numa relação dual baseada na imagem de um outro. Considerando que, no início da vida, a criança ainda não é capaz de representar seu corpo como uma unidade diferenciada, distinguindo o interno do externo, será só entre o sexto e o décimo oitavo mês, a partir do reconhecimento de sua imagem no espelho, que se dará a apreensão da imagem do corpo próprio. Essa perspectiva introduz a ideia de que a imagem visual é uma condição fundamental para o desenvolvimento psíquico do bebê humano, de modo que as imagens constituem um elemento fundamental e

14 B. Golse, *Du corps à la pensée*, p. 105.

15 T. Ogden, *A matriz da mente. Relações objetais e o diálogo psicanalítico*, p. 179.

16 A. Bullinger, *Le développement sensori-moteur de l'enfant et ses avatars*.

17 J. Laplanche e J.-B. Pontalis, *Vocabulário de psicanálise*.



nesse processo de passagem
da unicidade à trindade,
a capacidade de elaborar
imaginativamente as sensações
corporais fornecerá os sentidos
rudimentares que posteriormente
constituirão camadas
de significados

62

PERCURSO 68 : junho de 2022

determinante da realidade psíquica, sendo a partir delas que se dará o nascimento da fantasia. O imaginário será, portanto, o lugar de acolhimento das representações ilusórias que aplacarão, em certa medida, a angústia proveniente das experiências vividas no campo do real.

Aprofundar nessa concepção complexa demandaria maior desenvolvimento, não sendo nosso objetivo neste momento, mas é importante frisar a diferença conceitual e temporal do uso do adjetivo “imaginativa”, relativo à imagem, imaginação, imaginária, etc., que compõem a noção de *elaboração imaginativa*. Em termos conceituais, fica claro que, em Winnicott, a elaboração imaginativa e a fantasia constituem a inauguração do psiquismo, representando partes de um mesmo movimento interno que antecede a percepção do objeto como externo a si, sendo anterior ao momento do reconhecimento da própria imagem no espelho.

Nos primórdios, a presença do outro é sem dúvida fundamental, pois será o ambiente materno suficientemente bom quem fornecerá os subsídios para a “ilusão de unicidade invisível”¹⁸, que proporcionará ao bebê a vivência de um estado imperturbável de ser em progressão, no qual ainda não há necessidade de símbolos (mesmo os mais primitivos), pois ainda não se pode falar em termos de desejo.

Ogden aponta que a passagem da unicidade à trindade é simultânea à transformação da unidade

mãe-bebê em mãe e bebê enquanto objetos. Nessa passagem, o bebê torna-se sujeito e observador da mãe e de si próprio, passando a criador e intérprete de seus símbolos. Esse movimento corresponde à entrada na transicionalidade, marcada pela capacidade da criança de manter um processo psíquico dialético na sua relação com o objeto, que será experimentado simultaneamente como extensão de si mesmo, resultado de sua criação onipotente, e como um objeto externo à sua zona de onipotência. Será a capacidade de manter uma dialética psíquica que conduzirá à transformação da unidade, na qual não havia símbolos, em trindade, numa dinâmica envolvendo o símbolo, o simbolizado e o sujeito intérprete. O espaço potencial proposto por Winnicott corresponde ao “espaço entre símbolo e simbolizado, mediado por um self intérprete, é o espaço no qual a criatividade se torna possível e no qual nós estamos vivos enquanto seres humanos, em oposição a sermos simplesmente reflexamente reativos”¹⁹.

Nesse processo de passagem da unicidade à trindade, a capacidade de elaborar imaginativamente as sensações corporais fornecerá os sentidos rudimentares que posteriormente constituirão camadas de significados, permitindo que a experiência se complete. Esta experiência será atravessada por uma qualidade que já poderá ser considerada como subjetividade. A *elaboração imaginativa* é, portanto, o meio através do qual a criança atribui sentidos e significados às experiências, sentimentos, fatos do mundo interno e do mundo externo, podendo ser associada às representações e ao universo simbólico, tanto na saúde como na patologia. Sem o trabalho de *elaboração imaginativa*, a experiência perderia seu significado humano, no qual uma coisa vivida dá suporte a outra, embora não seja a outra, de modo que a criança estaria aprisionada na concretude de suas sensações.

Bernard Golse situa a construção da narrativa em relação à descoberta do objeto, na passagem do objeto subjetivamente concebido com o objeto objetivamente percebido, considerado que a identificação das sensações corporais por parte do bebê (cuja inscrição psíquica dará

origem às percepções) não tem nenhuma ligação com o registro do imaginário, preferindo utilizar a expressão “elaboração fantasmática” e não “imaginativa” para pensar as raízes da narratividade. A “elaboração fantasmática” consiste num um esboço da narratividade sobre a presença e a ausência do objeto e, sobretudo, sobre a distinção que está surgindo entre o objeto subjetivo e o objeto objetivo. Golse parece atribuir à palavra imaginativa um sentido contíguo ao conceito de imaginário como proposto por Lacan. Esse sentido diverge da compreensão de Winnicott, que retoma a relação entre a atividade imaginativa e a fantasia como desenvolvida inicialmente por Freud a partir do significado da palavra *Phantasie* na língua alemã, muito embora, como já apontado anteriormente, tenha redescrito o conceito de fantasia em psicanálise, repensando o lugar e a função da fantasia no funcionamento psíquico desde uma perspectiva própria.

A fantasia em sua relação com o trabalho de *elaboração imaginativa*, inicialmente das funções corporais, ampliando-se para outras experiências encarnadas ao longo de toda a vida, nos auxilia na compreensão da constituição do psiquismo a partir da relação com o objeto subjetivo em direção às relações objetais, possibilitando a atribuição de sentido aos acontecimentos corporais, favorecendo a integração psicossomática.

Esse aprofundamento contribui para a clínica psicanalítica contemporânea, constantemente desafiada pela incapacidade de tantos pacientes, sejam eles somatizadores, adictos, depressivos ou borderline, de encontrarem palavras para comunicar seu sofrimento, aprisionados no deserto da precariedade de representações que impede a livre associação e as equações simbólicas.

Winnicott se refere à integridade psicossomática do analista, que ao interpretar deve ser

»

*a fantasia em sua relação
com o trabalho de elaboração
imaginativa nos auxilia
na compreensão da constituição
do psiquismo a partir da relação
com o objeto subjetivo
em direção às relações objetais*

capaz de mobilizar seu pensamento sem dissociá-lo de seu funcionamento psicossomático, apontando para a necessidade de o analista ser capaz de acompanhar os ritmos que envolvem a comunicação e a não comunicação por parte do paciente durante a sessão, sustentando o aspecto não comunicante do paciente sem interpretá-lo como resistência. Esse manejo clínico propicia que o paciente vivencie a sessão como um encontro de corpos no espaço, sustentado pela presença do analista, que envolve, além da escuta flutuante, a atenção dirigida aos sinais emitidos pela corporeidade (do paciente e às suas próprias), como a respiração, as alterações do tônus muscular e as variações rítmicas que embalam o encontro.

A transferência é expandida a partir da inclusão do campo sensorial no encontro analítico e o analista é convocado a elaborar imaginativamente suas próprias sensações corporais advindas em parte do acesso ao material fornecido pelo paciente. Nessas condições, o caminho que conduz das sensações ao pensamento ainda está por ser construído no interjogo entre analista e paciente, ampliando-o para além das palavras.

18 T. Ogden, *A matriz da mente. Relações objetais e o diálogo psicanalítico*.

19 T. Ogden, *op. cit.*, p. 201.

Referências bibliográficas

- Bullinger A. (2015). *Le développement sensori-moteur de l'enfant et ses avatars. Tome 2 – L'espace de la pesanteur, le bébé prématuré et l'enfant avec TED* (Èrès Ed.). Toulouse, France: Èrès.
- Freud S. (1895d). Estudos sobre a histeria. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 2, p. 13-328). Rio de Janeiro: Imago.
- _____. (1900a). A interpretação dos sonhos. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (vol. 4-5, p. 11-647). Rio de Janeiro: Imago.
- Fulgencio L. (2011). A importância da noção de experiência no pensamento de D. W. Winnicott. *Estudos de Psicologia*. Campinas, 28, p. 57-64.
- Golse B. (1999). *Du corps à la pensée*. Paris: PUF.
- Laplanche J. (2016). *Vocabulário de psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes.
- Laplanche J.; Pontalis J-B. (1986). *Vocabulário da psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes.
- Ogden T.H. (1986). *A matriz da mente. Relações objetais e o diálogo psicanalítico*. São Paulo: Blucher & Karnac.
- Phillips A. (2006). *Winnicott*. São Paulo: Ideias & letras.
- Roussillon R. (2020). A criatividade: um novo paradigma para a psicanálise freudiana. *Revista de Psicanálise da SPPA*, v. 27, n. 2, p. 291-311.
- Winnicott D.W. (1945d/2000). Desenvolvimento emocional primitivo. In *Da pediatria à psicanálise: Obras escolhidas* (p. 218-232). Rio de Janeiro: Imago.
- _____. (1965b). *The Maturation Processes and the Facilitating Environment*. London: Hogarth.
- _____. (1965j/1983). Comunicação e falta de comunicação levando ao estudo de certos opostos. In *O ambiente e os processos de maturação* (p. 163-174). Porto Alegre: Artmed.
- _____. (1969i/1975). O uso de um objeto e relacionamento através de identificações. In *O brincar e a realidade* (p. 121-131). Rio de Janeiro: Imago.
- _____. (1971). O brincar e a realidade. Rio de Janeiro: Imago.
- _____. (1971h/1975). Sonhar, fantasiar e viver: uma história clínica que descreve uma dissociação primária. In *O brincar e a realidade* (p. 45-58). Rio de Janeiro: Imago.
- _____. (1989a/1994). *Explorações psicanalíticas: D. W. Winnicott*. Trad. J.O.A. Abreu. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.
- _____. (1989vi/1994). Psicose na Infância. In *Explorações psicanalíticas: D. W. Winnicott* (p. 53-58). Porto Alegre: Artes Médicas.
- _____. (1989vu/1994). Comentários sobre meu Artigo "O uso de um objeto" (Parte vi do cap. 34). *Explorações psicanalíticas: D. W. Winnicott* (p. 185-186). Porto Alegre: Artes Médicas.

The notion of imaginative elaboration and the conception of fantasy in the work of Winnicott

Abstract Winnicott's concept of fantasy and its relation to the work of imaginative elaboration, initially of bodily functions and later of other experiences embodied throughout life, helps us to understand the constitution of the psyche from the relation with the subjective object towards the objective relations. In this context, the imaginative elaboration of bodily functions is considered a resource of human nature responsible for sculpting the area of the report in which the child is immersed inaugurating the sketch of a future narrativity.

Keywords fantasy; imaginative elaboration; Winnicott; psychosomatic integration; narrativity.

Texto recebido: 03/2022

Aprovado: 05/2022